

Especulações sobre a linguagem brasileira ou portuguesa. Entrevista quase imaginária e hipotética com intelectual Mário de Andrade sobre a obra *Gramatiquinha*¹

Cristiano Mello de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC

Resumo

A presente entrevista imaginária visa a ensaiar alguns aspectos teóricos e ideológicos sobre o processo de formação da linguagem na obra *Gramatiquinha*, de autoria do escritor Mário de Andrade. Já se passaram sessenta e cinco anos de sua trágica e incipiente morte. Porém seu pensamento sobre a linguagem ainda consta e inquieta muitos dos nossos estudiosos e pesquisadores. Torna-se cada vez mais atual e progressivo suas atitudes ideológicas que praticara no passado. Sobre tal projeção de análise salientamos que iremos direcionar o nosso olhar para as principais inquietudes do escritor paulistano e condiciona-las a uma maneira peculiar de estabelecer/encaixar suas idéias conforme prosseguimos nossas indagações. Iremos durante essa entrevista contribuir com nossas abstrações que serão expostas de maneira lógica e argumentativa. A contribuição desse ensaio visa a ampliar e difundir o pensamento marioandradiano sobre tal perspectiva de análise e instigar as possibilidades de estudo sobre suas investigações teóricas da linguagem brasileira.

Alguns pressupostos

Mário inquieto ressuscita sua imagem e sua palavra; preocupado argumenta persuasivamente suas colocações; disserta sobre temas populares; questiona e é questionado; é sábio e torna-se ignorante em alguns pontos; condiciona seus escritos a um debate instigante; esclarece e pontualiza dúvidas e questões; aceita dissensos e consensos; favorece novos entendimentos e possíveis soluções; prescreve formas originais de trabalho; mescla seus escritos para uma prática democrática que projeta novos empreendimentos culturais. Ao escrever a obra *Gramatiquinha* investiga a fundo os falares da língua portuguesa e problematiza pela sua ótica uma possibilidade de criar uma estilização da fala brasileira. O mesmo Mário que concedeu essa hipotética entrevista é o mesmo Mário que perquiriu toda a nação brasileira. O nosso Mário imaginário está guardado nas lembranças de leitura das aventuras do hilário herói Macunaíma. Na concepção do escritor paulistano a linguagem deveria servir a todos da nação brasileira, assim como o Sol deveria nascer para todos.

O Mário- intelectual é também o Mário - intérprete. O adjetivo se impõe como sabem muitos escritores, as múltiplas facetas que tal escritor merecia diante do seu amplo manancial de estudos múltiplos e distintos nas humanidades. O denominador comum dessas facetas foi a vontade de deixar uma bagagem de obras que impressionou até mesmo os mais encorajados no assunto. A originalidade do pensamento intelectual do escritor paulistano subverte as regras da realidade imediata e as normas estatuídas pelo senso comum. Mário foi aquele que se espelhou como protagonista capaz de descobrir o Brasil através de cada um dos seus escritos, criando variados neologismos, buscando neles pistas ou sinais, mantendo um forte relevante sentido com a nossa nacionalidade. Em sua trajetória de escavador das alegorias lingüísticas do povo, Mário compreendeu e fomentou ser a linguagem espontânea o solo onde está depositado boa parte dos registros inquietos de uma nação. Em suma, durante a sua visada lingüística terá a visão de um antropólogo que registra e observa aquilo que lhe

1 O projeto da obra *Gramatiquinha* impulsionou os estudos de Mário de Andrade nos anos de 1924 a 1929.

chama atenção. Sua escritura teórica da obra *Gramatiquinha* manteve uma espécie de sacerdotício com seu público leitor.

Nesse sentido, o autor de *Macunaíma*, acaba se sentindo emocionado a ser convidado a debater assuntos de seu interesse profundo: a linguagem brasileira. Suas maturações serão revitalizadas à luz de um debate lúcido e provocativo. Sua dimensão intelectual a respeito da linguagem na obra *Gramatiquinha* brota da sua intimidade íntima de divagar, de ir além do imediato, através do profundo da sua interioridade. Durante esse gostoso empenho Mário fica à vontade com seu leitor assíduo e ao mesmo tempo entrevistador. Aliás, a série de indagações também fará parte de uma lembrança tão original e fraterna que marcará os seus estudos onde ele estiver. A antítese vida/morte sobre sua ausência ou presença possivelmente irá levantar ecos durante o desenrolar dessas respostas projetando forte instinto de hesitação do público presente. Aliás, essa inédita entrevista/conferência será um retorno quase fantasmagórico ao mundo dos intelectuais vivos. Se o escritor Mário tiver agora nos ouvindo, possivelmente estará rezando para que essa entrevista possa se tornar objeto de enriquecimento para sua alma e para os demais que estão participando.

A finalidade do presente estudo não é postular uma verídica legitimação sobre os variados pensamentos do escritor paulistano, mas buscarmos discuti-los e debate-los sobre a perspectiva do diálogo de suas idéias e concepções retiradas da obra *Gramatiquinha*. Ou seja, iremos contracenar seu pensamento verificando a possibilidade de uma mescla com o discurso do próprio entrevistador. O endosso desse trabalho baseia-se numa possível projeção para o fortalecimento dos estudos literários e lingüísticos sobre o viés da filosofia da linguagem. Levantar as causas e os porquês das diferentes situações que é apresentado às considerações tecidas por Mário de Andrade nessa respectiva obra seria uma maneira peculiar de compreendermos os horizontes que ele desenvolveu sobre a linguagem brasileira. Vejamos algumas etapas dessa entrevista quase imaginária. Movimento que tentaremos rastrear a seguir.

Entrevista quase imaginária sobre sua obra *Gramatiquinha* e suas reflexões sobre a linguagem

Entrevistador Cristiano Mello: Em um dos seus prefácios de natureza confessional o senhor afirma de não ter muitas pretensões ao redigir as regras que iriam compor o universo teórico da *Gramatiquinha*. Utilizo-me da palavra “confessional”, pois é interessante saber como é divulgado o seu pensamento e suas características de personalidade intelectual. É notável também verificarmos que sua argumentação batalha por uma independência nos falares e nos dizeres dos brasileiros. Ou seja, desestrutura todo um imaginário de rotulação e fachada do falar a língua portuguesa de maneira certa e pedante. Nesse sentido, conseguimos notar que suas ideias revela fortes pontos entre a língua portuguesa praticada em Portugal e contracena acirradamente com a nossa língua, que o senhor mesmo afirma ter sido apenas “emprestada.” Refiro-me aqui aos seus escritos publicados em forma de prefácios no seu ambicioso projeto de sua *Gramatiquinha*. Com base nessa leitura, fiquei empolgado em saber que nos dias atuais ²um intelectual comprometido possui um projeto bastante audacioso para a nossa nação brasileira. Aliás, quando utilizo o vocábulo “intelectual”, quero denotar uma pessoa que não fica apenas no seu gabinete ou torre de marfim, elaborando longos compêndios filosóficos e teóricos, mas preocupa-se em apresentá-los e divulga-los ao nosso enorme Brasil. Tal preocupação também se estende no contexto prático de tal assunto. Parece-me que esse projeto seria uma espécie de “estilização da fala brasileira”, como o senhor mesmo considera. O interessante é afirmar que seu trabalho não hesita em colocar em cena o seu polêmico

2 Utilizo a expressão “dias atuais”, por querer situar essa hipotética entrevista no dia 25 de fevereiro de 2010. Exatamente nesse dia fora comemorado 65 anos da incipiente morte de Mário de Andrade. Supostamente nesse dia Mário de Andrade ressuscitou e concedeu essa imaginário-hipotética entrevista.

pensamento perante seus pares e intelectuais. Refiro-me aqui as variadas cartas que trocou com o escritor Manuel Bandeira sobre tal projeto de investigação e prática. É notável verificarmos que sua produção intelectual lingüística faz uma crítica severa aqueles que falam o nosso “emprestado idioma”, buscando nesse idioma erudições e comportamentos sofisticados ao tratarem a língua como algo que distingue as relações sociais. Ou seja, o mesmo estudo afirma que as intenções dessa língua não podem separar ou diferenciar as classes superiores das inferiores. Percebemos que seus esforços mobilizam tais atitudes em uma única direção: a valorização da linguagem brasileira. Seu trabalho lingüístico lapidou diversas palavras e colocou-as sob a luz da espontaneidade e ao mesmo tempo da preguiça humana. Ou seja, conseguiu garantir um enorme complexo lexicográfico para nossos professores de letras e seus respectivos alunos. Não deixando de esquecer os variados públicos que acompanham a sua obra e aqueles menos favorecidos à leitura. Quero acreditar que ao formular tais perguntas possa contribuir para um problema que merece ser explicitado na sua obra: as diferenças entre a linguagem oral e a escrita. As questões que inquietam e iniciam nossa entrevista são: por que o senhor resolveu criar uma gramatiquinha da língua portuguesa? Como o senhor verificar a língua portuguesa praticada no Brasil? Qual seria a diferença de língua oral e escrita na sua concepção filosófica de vida?

Mário de Andrade³: [Suas assertivas e indagações são interessantes e me fazem refletir sobre a minha vinda aqui através dessa breve ressurreição que planejei realizar esse discurso ou entrevista. Meu Caro...] [Saliento humildemente afirmar que minha *Gramatiquinha*...] “Não se trata dum livro técnico nem pra técnicos. Homem pra estes talvez sirva alguma coisa porque geralmente são tão presos a leis e regras convencionais, tem espírito crítico tão pequenininho e lerdo que a violência ingênua das minhas liberdades talvez contenha mais duma sugestão pro tais. Porém, embora estude com seriedade e constância a minha língua e a língua dos meus antepassados, me parece cada vez mais que não sei nada delas tal barafunda que fazem em mim as comoções, as esperanças, as ambições e as verdades e leis.”⁴ [E volto afirmar verdadeiramente humilde...] “Sou bem leigo na matéria. Não tenho pretensão nenhuma.”⁵ [A minha pretensão é apenas incomodar uma classe ou casta de intelectuais e políticos imersos no seu pequeno mundinho de atribuições burocráticas...] [Em segundo lugar meu caro jovem, gostaria de dizer que na nação brasileira] “(...) existe uma língua emprestada e que não representa nem a psicologia, nem as tendências, nem a índole, nem as necessidades nem os ideais do simulacro de povo que se chama o povo brasileiro.” [Ou seja,] “A língua gramatical portuguesa adotada violentamente pelo governo e pelo pedantismo dos literatos do Brasil é uma língua linda, rica e meio virgem quando pronunciada do jeito lusitano e escrita por escritores lusitanos.” [Nesse sentido, meu Caro ... a língua] “Falada do jeito brasileiro e gramaticalmente à portuguesa é uma coisa falsa, e duma feiúra morna.” [Agora sobre a sua segunda questão levantada, poderei refletir da seguinte maneira...] “A contradição de que eu não falo como escrevo é das mais rápidas, mais tolas e pueris que conheço. Ninguém nunca não falou como escreve. Em qualquer escritor mesmo nos mais aparentemente naturais, si a gente os freqüenta põe logo reparo na distinção que existe entre a maneira deles escreverem e a de falarem.”⁶ [Concomitantemente que encenavam a língua escrita com algumas palavras novas, transformações apressadas, adaptações bruscas, que, carentes de intimidade e da lapidação que só o longo acabamento artístico dá as palavras, vedavam a pronta amoldamento da literatura ao novo universo.] “A contradição de que eu não falo como escrevo

3 Salientamos que a partir dessa citação que virá entre aspas, faremos o uso da nota de rodapé sempre acompanhada pelo sobrenome de Mário juntamente com o respectivo número da página da obra *Gramatiquinha* que aqui estamos analisando. A edição que aqui fazemos uso consta em nossas referências no fim desse trabalho.

4 (Andrade, p. 314)

5 (Andrade, p. 314)

6 (Andrade, p. 315, p. 318)

é das mais rápidas, mais tolas e pueris que conheço. Ninguém nunca não falou como escreve. Em qualquer escritor mesmo nos mais aparentemente naturais, si a gente os freqüenta põe logo reparo na distinção que existe entre a maneira deles escreverem e a de falarem.”⁷ [Complementando melhor sua resposta, poderíamos glosar dessa maneira a relação do povo com a prática da linguagem...] “O povo não é estúpido quando diz ‘vou na escola’, ‘me deixe’, ‘carneirada’, ‘mapear’, ‘besta ruana’, ‘farra’, ‘vagão’, ‘futebol’. É antes inteligentíssimo nessa aparente ignorância porque sofrendo as influências da terra, do clima, das ligações e contatos com outras raças, das necessidades do momento e de adaptação, e da pronúncia, e do caráter, da psicologia racial modifica aos poucos uma língua que já não lhe serve de expressão porque não expressa ou sofre essas influências e a transformará afinal numa outra língua que se adapta a essas influências.”⁸

Entrevistador Cristiano Mello: [Desculpe interromper, por favor...] O que o senhor quer dizer com isso? Pode explicar de outra maneira para os ouvintes aqui presentes?

Mário de Andrade: [Lógico com toda atenção. Refiro-me a atenção que trato os meus variados correspondentes de cartas. Aliás, sempre adorei escrever muitas cartas...] [Meu Caro...] “Sempre em todos os tempos [o nosso Brasil] teve duas línguas, a língua geral e a língua literária, aquela falada e esta escrita. Sei que esta distinção ainda pode ser mais especializada e que são mais numerosas ainda as línguas simultâneas dum fala só porém essa divisão primeira me basta pra argumentar. Enfim ninguém escreve como fala e eu sou como todos.”⁹

Entrevistador Cristiano Mello: É notável verificarmos um forte embasamento teórico e argumentativo nas suas idéias e justificativas para tal confecção desse estudo. Ou seja, o senhor contracena essas especulações como exemplos e cita inclusive várias situações do nosso cotidiano. O mais interessante é que nós “homens comuns”, isto é, não somos tão intelectuais como demonstra o seu perfil, consiga compreender como o senhor adquiriu toda essa bagagem erudita de contracenar seus discursos com diversas áreas do saber humanístico. Creio que suas reminiscências de leitura foram densas e variadas. Refiro-me aqui especificamente as obras que lhe alicerçaram o seu conhecimento da língua portuguesa vulgar e erudita. Simplificando melhor tal questão gostaria que o senhor comentasse mais sobre suas obras lidas e aplicadas nesse contexto que agora estamos buscando dialogar. Quais seriam esses autores e obras que enobreceram o seu pensamento filosófico lingüístico?

Mário de Andrade: [Ora, meu Caro sua questão é bastante pertinente para aquilo que aqui estamos discutindo... vejamos se consigo responder tal questão.] “Na medida do um bocado mais que o possível, estudei com paciência a fala portuguesa. E não foi só nas gramáticas de todo gênero não. Nenhum dos clássicos portugueses grandes deixei de ler *com paciência*.” [Caro colega... paciência sempre tive para vastas leituras, aliás sempre tive fome por livros e bibliotecas...] “Alguns [desses clássicos] me foram até familiares como o doce frei Luis de Sousa que eu gostava muito, Garret, Camões, Castelo Branco e Latino. Os outros lia mais por obrigação com verdadeira paciência, sobretudo Vieira e Castilho, que jamais não pude apreciar. De Camões sabia décor o intróito dos Lusíadas, a passagem de Inês, a dos Doze de Inglaterra, a Tempestade e o Adamastor, além de pra mais de cinquenta sonetos.”¹⁰ [Perdão a minha falta de modéstia, mas termino por aqui essa questão caro colega.]

7 (Andrade, p. 315, p. 318)

8 (Koifman, Georgina. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes*. São Paulo, Nova Fronteira, 1985. p. 77)

9 Andrade, p. 320.)

10 (Andrade, p. 317, p. 318)

Entrevistador Cristiano Mello: O senhor leu muito e colheu variados depoimentos ao longo de sua trajetória intelectual. Percebemos que isso de fato aumentou o seu poder de oratória e discurso escrito. Lógico com isso adquiriu uma voz persuasiva e outorgou diversas maneiras de tratar o nosso “emprestado idioma”, comprova-se assim seu vasto domínio e manejo de navegar fluentemente em áreas tidas como ainda desconhecidas para a crítica artística e intelectual: etnografia, folclore, artes gerais, línguas, filosofia, literatura, música entre outras. Notamos também que possui uma vasta memória artística e política para assuntos corriqueiros de nosso cotidiano. Talvez isso seja justificado pela forma e trato que condicionou a língua portuguesa e a divulgou para o resto da nação. Esses variados Brasis foram expostos através da sua maneira peculiar e autêntica de trabalhar a nossa linguagem. Seus escritos também foram fortemente marcados pelo universo desgeografizado do regionalismo e dos falantes da língua portuguesa. Com efeito, isso se torna perceptível ao leitor mais ingênuo, pois se verifica ao longo dessa sua trajetória uma forte dedicação em combater os bairrismos comunitários e os falares pelo resto de nosso Brasil. A meu ver, saliento que a reificação desse bairrismo exacerbado praticado no interior das províncias também me irrita bastante. Acredito também que no seu caso não tenha perdido o seu valioso tempo após essa rápida ressurreição em tratar a linguagem como algo pragmático, ou seja, não deseja tecer nenhum tipo de juízo analítico, mas acima de tudo provocar outros estudos e contribuir para a estilização da linguagem brasileira para o resto de nossa nação. Aliás, essa postura consciente do senhor manter uma posição de intelectual comprometido com a cultura nacional e consequentemente a nossa linguagem. Perdão “linguagem emprestada”, nos seus dizeres. Vejo tudo isso como fator preponderante para a formação do espírito crítico do brasileiro, e acima de tudo é digno de uma fase muito importante para a nossa nação. Notoriamente, seus escritos incomodam boa parte dos gramáticos e da crítica literária-artística brasileira, mas essa “ferroada” no rosto reflete um momento de indignação ao nosso sistema cultural e educacional. Creio que seus escritos sobre a linguagem e sua conseqüente estilização ficarão perpétuos e proféticos para outros jovens abstrair e consagrar sua ideologia marcante para a abertura de novas discussões e diálogos prolíficos. Em suma, o senhor não ficou interessado em apenas em tecer novas abstrações, mas, coloca-las em pauta no eixo do nosso progresso intelectual e lingüístico. Bom, creio que já falei demais. Vamos refletir tudo isso em uma única indagação: como o senhor poderia refletir e argumentar a respeito da estilização da língua portuguesa?

Mario de Andrade: [Tal] “(...) estilização em que além de generalização de modismos sintáticos brasileiros e ilações que tiro deles, entram ainda modismos esporádicos colhidos de pessoas que escuro, cartas que recebo, livros, jornais, anúncios, etc. que leio e mais as variações e fantasias estilísticas que me são próprias” (...) [Melhorando essa resposta, poderíamos relatar em outras palavras da seguinte forma...] “E incontestável que com a estilização da fala brasileira que e a minha contribuição pessoal pra codificação futura do brasileiro, ninguém pode me pegar em erro. Basta ver as modificações [ilegível] de estilo, de modismos vocabulares e de ortografia dum livro meu pra outro pra se ver que tudo saiu assim porque eu quis. Mas também por outro lado, si não me podem acusar de erro, também é certo que não me deixei adormecer nos braços molengos da facilidade.”¹¹ [Acredito que seria essa a minha mais aproximada resposta.]

Entrevistador Cristiano Mello: Ao longo de várias caminhadas intelectuais podemos conseguir notar que o senhor força bastante a tese de uma linguagem brasileira que permita uma aproximação entre todos da nação. Inclusive quem lê as suas investigações teóricas conseguem admitir que utilize argumentos plausíveis e com forte embasamento cultural popular. Podemos

11 (Andrade, p. 342)

observar nos seus escritos da obra *Gramatiquinha* que a linguagem brasileira ou portuguesa não tinha intenção nenhuma de uma mitigar a outra. Ao mesmo tempo podemos perceber que a linguagem brasileira não poderia ser coisificada em termos pragmáticos. Ou seja, atingir e ditatar apenas as regras pertinentes ao conteúdo gramatical solto e separado do conteúdo abstrato filosófico da razão embutida de existência humana. Sem cairmos em demagogia sabemos que isso de fato ocorre com frequência, mas percebemos que seus estudos busquem uma razão mais espiritual para consagrar seus escritos e experiências práticas. Em sua opinião como funciona esse progresso da formação e da distinção da linguagem praticada pelos portugueses e a dos brasileiros. Gostaria que o senhor dissertasse um pouco sobre esse tema.

Mário de Andrade: [Meu Prezado, consigo notar a sua intenção ao realizar essa assertiva bastante verossímil, e coerente as minhas formulações já realizadas...] “Quando lê, sei que lê para. Porém é incontestável que a dicção pra é geral e até geral não só entre brasileiros como até entre portugues.” [Desculpe, mas chamo os portugueses dessa forma...] “Porém não discuto fatos especiais agora. A verdade é que a gente não possui ainda uma fala brasileira distinta. A gente inda está naquela fase de desagregação da fala portuga em que a fenomenologia poucas normas gerais apresenta.” [Ou seja,] “Tudo se resume a fenômenos pessoais. Um fala assim, outro fala assado.”¹²

Entrevistador Cristiano Mello: Desculpe interromper seu raciocínio, mas já interrompendo. Preciso realizar uma notável complementação. O senhor poderia citar alguns exemplos dentro da nossa nação brasileira e contextualiza-los melhor para o nosso presente público dessa reunião.

Mário de Andrade: [É claro meu caro, aliás, eu já iria complementar minhas argumentações e postulações, buscando exemplifica-las para que o público possa compreender melhor tal contexto...] [Vamos lá...] “Por exemplo a fala ítalo-luso-brasileira de S. Paulo. É incrível o desperdício de fatos individuais que a gente pode colher. A deformação cômica obtida pela literatura de Juo Banaré, a própria fotografia instantânea com que Alcântara Machado codaquizou certas expressões individuais” (...) “Os ítalo-brasileiros falam coisas extraordinárias. Fiquei bem uns seis meses freguês dum barbeirinho ruim das Perdizes só pra escutar a fala dele que era uma gostosura imprevista com os seus ‘soddisfeito’ ‘quatro dias’ etc. etc.”¹³

Entrevistador Cristiano Mello: É interessante sabermos que o senhor consegue citar alguns exemplos e contextualiza-los ao longo do seu discurso. Aliás, é notável também verificarmos a potencialidade dessas discussões durante essa inédita entrevista, já que imagino um possível “burburinho” de idéias que causará essas suas considerações teóricas. Como visualiza e identifica as diferenças dialetais produzidas no Brasil? Especificamente nos falares regional. Poderia delinear isso mais detalhadamente, ou melhor, elucidá-los.

Mário de Andrade: [Meu Caro, creio entusiasticamente que minhas considerações aqui expostas na minha obra *Gramatiquinha* são de extrema importância para criarmos um juízo autônomo sobre a nossa fala portuguesa, tendo em vista os nossos aspectos peculiares emocionais que tangem o universo do nosso idioma, ou seja, devemos nos policiar e praticarmos cada vez mais a nossa missão lingüística] [Vamos tentar responder essa suas inquietas indagações...] “Na realidade não tem grande diferença entre o brasileiro falado no Ceará, em São Paulo e R. Grande do Sul. É uma diferença muito mais oral porque a vocabular é pequena. A diferença vocabular é só

12 (Andrade, p. 342)

13 (Andrade, p. 342)

aparentemente grande e provém das necessidades locais. No Rio Grande do Sul tem um poder de palavras relativas aos eqüinos e bovinos que os paulistas desconhecem assim nós nos trabalhos do café usamos muitos termos que o paraense ignora.”¹⁴

Entrevistador Cristiano Mello: Acredito que o senhor também não considera muito esse aspecto regional como algo tão relevante. Mas todos nós sabemos que os bairrismos são frutos de um povo que rotula e ao mesmo tempo protege sua identidade e cultura local. De fato isso acaba prejudicando um falar mais espontâneo e solto, que ao contrário de cidades amplas e abertas o som e o timbre das palavras acabam soando mais alto e mais frenético. Refiro-me aqui a cidade do Rio de Janeiro, que ao longo de sua existência e sua geografia local acabou assumindo o título de capital cultural do nosso país. De fato, isso também comprova pelos seus trezentos anos como capital federal. Não quero aqui privilegiar capitais, apenas estou exemplificando. Aliás, não desejamos fazer apologia e muito menos outorgar nossa opinião nessa entrevista. Creio que esse efeito acaba também influenciando o resto da nossa nação, ou seja, os cariocas pregam as gírias, os vocábulos rápidos e imprecisos, enquanto as pequenas cidades acabam caindo na rotina do provincianismo. Podemos tomar como exemplo as pequenas cidades do Sul do Brasil, onde ainda impera a questão do falar próximo e revestido de tradição que corre as veias do sangue. Desculpe interromper sua fala e resposta, mas creio que essa pergunta atingirá a todos aqui que desejam diagnosticar as possíveis diferenças entre o falar aberto e espontâneo do carioca e o falar de um morador de uma pequena cidade no Sul do Brasil. Como o senhor verifica a questão do sujeito bairrista e provinciano?

Mário de Andrade: [Meu caro sua colocação foi demasiadamente cheia de maturações culturais que envolvem as possíveis diferenciações entre o urbano e o quase caipira.] [Aliás, considero todos brasileiros e indiferentes de raça, cor, aspecto social, devemos honrar sempre a nossa nacionalidade, por isso defendo sempre a tese de um país que lute pela sua “desgeografização”, termo que cunhei em um dos meus estudos etnográficos e culturais. Agora não me lembro bem o nome do estudo ou texto.] “E assim como os provincianismos são fatais dentro duma língua também é fatal que com o contínuo aumento das relações interestaduais uma língua geral compreensível por todo o país se estabelecerá. Quanto às diferenças orais de pronúncia elas são realmente muito menores do que existem entre o português e o brasileiro.”¹⁵

Algumas conclusões

As cortinas da breve conferência se fecham como uma áurea mágica coberta de efeitos alegóricos, mas deixa a sua frente o espectro vertiginoso do escritor paulistano. O possível espectro ainda mantém nítido a sua volta ao trabalho literário e intelectual. Mário silenciou e consequentemente o seu leitor percebeu que o diálogo terminara. Enquanto isso, o olhar do vasto público presente corria lágrimas despertas de entusiasmo e felicidade. Todos ainda estavam encabulados que aquele humilde homem que está sentado naquela cadeira é o próprio Mário de Andrade em carne e osso. Nesse momento, cruzam-se variados sentimentos de encontrar naquele dia o nosso consagrado intelectual vivo como se levantasse do seu túmulo durante uma ressurreição. Será que Mário ressuscitou para defender seus ideais tão abatidos e desprezados em sua época? Será que o autor de *Macunaíma* estará ansioso para ressuscitar novamente o seu projeto literário nacional? O escritor Mário de Andrade caminha pelas trilhas da imortalidade satisfeito

14 (Andrade, p. 342)

15 (Andrade, p.342, p. 343)

e bastante empolgado em conseguir almejar aquilo que foi questionado. Os variados aplausos, sorrisos, efeitos inacreditáveis, dúvidas sobre o seu regresso conseguem deixar várias sombras de questionamento e entusiasmar todo o público ali presente.

A linguagem brasileira, a força do espírito e a espontaneidade popular trabalhado pelo intérprete Mário de Andrade nessa entrevista imaginária, ganhando expressão, seja na perspectiva das tradições e das lendas, não teve a função alienante e muito menos pragmática, mas reflexiva e crítica, envolvendo e relacionando metaforicamente o passado histórico português que resolvera desestruturar beneficentemente com a contemporaneidade à qual viveu e representou para fins de originalidade. Mário colocou no cerne da linguagem brasileira uma forma autêntica e peculiar de criar uma fantasia interna que alimenta o espírito da espontaneidade e da coloquialidade. Ao escrever a obra *Gramatiquinha*, o escritor paulistano provavelmente embeveceu seus discursos naquilo que almejava nutrir e projetar para todos os falantes da língua portuguesa. Não ditou regras, mas refletiu-as para um universo melhor. Em suma, transformou suas frases enérgicas sobre os efeitos da linguagem em situações práticas do cotidiano dos gramáticos e professores de letras.

Obviamente, Mário de Andrade está muito distante dos tempos atuais em que a filosofia da linguagem exerce sua *praxis*, porém isso nada impede que seus escritos ganhem a notoriedade e eternidade para uma compreensão fundamental do aspecto da “estilização da fala” que envolve a língua portuguesa e o escritor hoje. No entanto, é notável afirmarmos, que várias indagações ainda continuam no ar, talvez isso possa render e provocar outros debates e possíveis entrevistas quase imaginárias. A indagação provocante aqui surge e nasce como a linguagem de Mário espontaneamente. Quais seriam as principais razões que os compêndios e os estudos contemporâneos sobre o universo gramatical não citam ou abordam a obra *Gramatiquinha* de Mário de Andrade? Tomamos o exemplo do estudo feito por Evanildo Bechara, *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?*

O título da obra bastante sugestivo para uma promoção da democracia da linguagem, tema que Mário de Andrade sempre perseguiu e pregou. O problema maior é que a obra nem sequer faz algum tipo de menção ou sugestão de leitura do escritor paulistano. Por que o gramático Evanildo Bechara aterrou tais estudos? Por que não cita tal obra na bibliografia? Vaidade intelectual? Escolhas pessoais? Tais questões e alguns aprofundamentos sobre a ideologia e o pensamento do célebre pensador Mário de Andrade ainda resta a se concluir. As reticências continuarão perpétuas em sua majestosa obra. Possivelmente são pesquisas/investigações que a academia ainda não solucionou, ou, não se interessou em problematizar.

Referências

- Pinto, Edith Pimentel. 1990. *A Gramatiquinha de Mário de Andrade: Texto e contexto*. São Paulo, Livraria Duas Cidades.
- Bechara, Evanildo. 2002. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?*. São Paulo, Ática, 2002.
- Koifman, Georgina. 1985. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes*. São Paulo, Nova Fronteira.
- Sartre, Jean-Paul. 1994. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo, Ática.

CV

CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA É PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA NA REDE ESTADUAL DO PARANÁ. É FORMADO EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS E PEDAGOGIA. POSSUI DUAS ESPECIALIZAÇÕES: LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL E SOCIOLOGIA POLÍTICA. ATUALMENTE É ESCRITOR DE CRÔNICAS E ENSAIOS LITERÁRIOS E CURSA O MESTRADO EM LITERATURA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, ONDE DESENVOLVE O TEMA DE PESQUISA CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES SOCIOLÓGICAS NA OBRA O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE.